

**“UMA BATIDA ESTRANHA”: DISCURSOS NA REDE SOCIAL
FACEBOOK A PARTIR DO PROGRAMA DE MOBILIDADE
ACADÊMICA INTERNACIONAL**

**“AN STRANGE HIT”: DISCOURSES IN SOCIAL NETWORK
FACEBOOK FROM THE INTERNATIONAL ACADEMIC MOBILITY
PROGRAM**

Jean Carlos Gonçalves

Patricia Pluschkat

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo analisar enunciados postados na rede social *Facebook* por alunos do curso de um curso de graduação de uma universidade federal brasileira que participaram do Programa de Mobilidade Acadêmica tendo como país de intercâmbio Portugal. A análise é ancorada na perspectiva dialógica do discurso, que tem nos estudos de Bakhtin e o Círculo sua principal filiação teórica. A mobilização da noção de interculturalidade se dá pelas contribuições de Homi Bhabha e Terry Egleton. Os resultados apontam a experiência do intercâmbio como um exercício de alteridade e enunciação, que se inscreve, inegavelmente, no campo da discursividade. O estudo também chama a atenção para o uso da rede social *Facebook* como meio de interlocução, mediado por diferentes formas de leitura e escrita, o que o torna um fértil campo de investigação da linguagem e seu funcionamento em diferentes esferas de atividade.

PALAVRAS-CHAVE: Mobilidade Acadêmica Internacional. Perspectiva dialógica. Facebook. Interculturalidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze discourses posted on the social network Facebook by students of an undergraduate degree from a Brazilian federal university that participated in the Academic Mobility Program having as country of Portugal exchange. The analysis is anchored in dialogic perspective of discourse whose main theoretical affiliation are the studies of Bakhtin and the Circle. The mobilization of interculturality notion is realized by the contributions of Homi Bhabha and Terry Egleton. The results show the experience of the exchange as an exercise in otherness and enunciation, which falls undeniably in the field of discourse. The study also draws

attention to the use of social network Facebook as a means of dialogue , mediated by different forms of reading and writing, which makes it a fertile field of language's investigation and its functioning in different spheres of activity.

KEYWORDS: International Academic Mobility. Dialogical perspective. Facebook. Interculturality.

“UMA BATIDA ESTRANHA”: DISCURSOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK A PARTIR DO PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

INTRODUÇÃO

Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente. (BAKHTIN, 2011c, p. 366)

Essa pesquisa tem como lócus de investigação o olhar para o que dizem alunos de um curso de Graduação em Produção Cênica, em *posts* publicados na rede social *Facebook*, sobre suas experiências como estudantes de universidades portuguesas por meio de um programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, ofertado por uma universidade federal brasileira.

O artigo visa contribuir com os Estudos da Linguagem e da Educação, visto que os discursos analisados versam sobre vivências oportunizadas pela esfera escolar, em instituições de Ensino Superior. A relação dos sujeitos com outra cultura deu-se não somente por estarem em outro país, mas também em outra Universidade, que como toda instituição possui suas normas, estatutos e políticas próprias.

A pesquisa justifica-se por se interessar pela produção de sentidos por sujeitos que estão em um lugar alheio ao seu. No papel de estrangeiro, o acadêmico discente pode passar pelo sentimento de não pertencimento. Soma-se a isso a carga de idealização sobre um país europeu: sua cultura, sua gente, sua educação.

Estereótipos, estigmas e pré-conceitos, vivenciados por ambos os lados dessa “ponte”, ganham, na forma de enunciados postados em uma rede social, possibilidade de resignificação ou, como assevera Bhabha, “é nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a

partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, (...)” (BHABA, 2003, p.24)

Algumas questões norteiam os interesses dessa pesquisa: esses deslocamentos presenciados podem apurar o olhar acerca do significado tradicional de cultura? A experiência de intercâmbio permite acolher diferenças ao ponto de compreendê-las? Como são mobilizadas as marcas discursivo-enunciativas de diversidade cultural em *posts* publicados na rede social *Facebook*?

Sem o intuito de responder categoricamente a cada uma dessas questões, esse trabalho se organiza em dois blocos de discussão para tentar alcançar possíveis aproximações entre o problema pesquisado e os resultados encontrados: o primeiro, dedicado ao desenho teórico-metodológico da pesquisa, apresenta o percurso da investigação e suas bases conceituais. O segundo se interessa pela análise discursiva e tem, na perspectiva dialógica (Bakhtin e o Círculo) e no diálogo com os estudos da interculturalidade, sua ancoragem teórico-prática.

1 QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011b, p. 262)

O *Facebook* é uma rede social criada em 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes, à época, da Universidade de Harvard (EUA). Castells (2000), ao refletir sobre a criação das primeiras redes sociais, que tiveram origem no campo universitário, nos lembra que as universidades são os principais agentes de difusão de inovações sociais porque os jovens que por ali passam, conhecem, geração após geração, novas formas de pensamento (CASTELLS, 2000, p.380).

Inicialmente utilizado com um *hobby*, o *Facebook* coincidia com a denominação de um livro que era entregue aos alunos no início do ano letivo em algumas universidades dos Estados Unidos, no intuito dos discentes conhecerem um pouco uns dos outros: o *Thefacebook*. A principal função da rede, desde seus primórdios, era a interação entre os estudantes, e logo a ideia foi expandida para outros centros universitários. Em 2006 o *Facebook* passou a abranger um público geral independente da esfera em que os sujeitos se situassem. Já em 2007 a rede começava a apresentar potencial de mercado e passava a ser utilizada, também, como ferramenta de marketing.

Nessa travessia também é possível repensar o *Facebook* sob o viés da interculturalidade. O encontro cultural dentro da sociedade criada nas redes virtuais também causa deslocamentos, pois a linguagem é viva e real, e como toda relação social, que integra sujeito, linguagem e cultura, tem no conflito a sua principal marca dialógica.

Trata-se de apreender o homem como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente. As dimensões e implicações dessa rede de relações sociointeracionais estão ainda longe de ser suficientemente entendidas, o que é plenamente compreensível face ao formalismo e o caráter antisséptico das teorias nossas conhecidas sobre o homem e a linguagem. (FARACO, 2007, p.101)

Esse estudo se fundamenta na Teoria Dialógica ou Análise Dialógica do Discurso. Esta perspectiva de análise tem como pressupostos os estudos de Bakhtin e o Círculo¹. As obras escritas por esses filósofos consideram a linguagem como um campo expandido, que extrapola os estudos de linguística e literatura, alcançando diversos campos de conhecimento e pesquisa (BRAIT, 2012).

Na compreensão de que as interações sociais são permeadas pela linguagem, e que os sujeitos são constituídos por essas interações, esse trabalho gira em torno do sentido de diálogo, tal qual discutido por Bakhtin/Volochinov (2009): a interação como processo de constituição do sujeito, este como um ser em processo, portanto, em embate com o seu outro.

A linguagem, na perspectiva dialógica, se interessa por uma concepção de mundo que amplia a compreensão da produção, circulação e recepção de sentidos, considerando-a um fenômeno histórico-social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009). Para os estudiosos do Círculo, a linguagem permite a compreensão do mundo pelas vias de um movimento dialógico no qual o homem é um sujeito em alteridade.

A centralidade da teoria bakhtiniana está alicerçada sob os pilares do dialogismo, que implica o entendimento da concepção de diálogo como o movimento que ocorre na interação social, sendo possível afirmar, portanto, que, nessa teoria, o homem é, por essência, um sujeito dialógico, mesmo quando não está diante de um outro real/físico. Ao nos referirmos ao termo sujeito, é interessante explicar que a interpretação que trazemos a este trabalho é a de que somos sujeitos singulares, entretanto, constituídos por histórias, experiências, relações. Nestas relações, o outro está presente em nossa visão de mundo, nos afetando e nos constituindo.

O movimento dialógico como um processo evolutivo é sinônimo de que nada é estático e imutável. O mundo é relacional. E relações implicam em conflitos e deslocamentos. Não conseguimos, portanto, ter uma visão acabada de nós mesmos. Somente o outro pode nos dar uma provisoriamente de acabamento. É o que Bakhtin (2011a) chama de excedente de visão. O que não podemos ver do nosso eu é o que o outro vê. O que o outro não vê de si, é o que nós vemos. São horizontes distintos. Amorim (2004) complementa que não é possível ter uma visão completa do eu, entretanto o olhar do outro nos compõe e nos define.

Para a teoria bakhtiniana, o enunciado é uma unidade real da comunicação discursiva, indissociável do sujeito que o produz e intrinsecamente ligado aos processos de interação. Os enunciados têm a mesma dimensão das experiências humanas por seu elo com o sujeito e seus valores, com os interlocutores e sua visão de mundo, com os sentidos produzidos. É aí que o diálogo com autores como Homi Bhabha e Terry Eagleton, que discutem noções como interculturalidade, deslocamento, duplicação e hibridismo, se torna fértil e capaz de articular campos teóricos de forma a contribuir para a ampliação do conhecimento no que se refere à área da linguagem e suas fronteiras no diálogo com outros campos de estudo. Desse modo, as análises que compõem a próxima seção desse artigo buscam articular a teoria bakhtiniana à discussões desses autores contemporâneos, objetivando refletir sobre o funcionamento da discursividade na rede social *Facebook* a partir do que dizem os alunos de graduação de uma Universidade Federal, integrantes de um Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional

¹ Os estudos bakhtinianos ou, o pensamento bakhtiniano, é o conjunto de formulações teóricas advindas do chamado Círculo de Bakhtin. Embora existam diferentes atribuições ao termo, por parte de alguns pesquisadores, não farei uma explanação explicativa e histórica, mas utilizarei a expressão “Bakhtin e o Círculo” para me referir ao conjunto da obra que traz ideias produzidas por intelectuais russos, desde a segunda década do século XX, entre os quais Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e Pável N. Medviédév(1891-1938).

2 MOBILIDADE ACADÊMICA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Post 1 - Depois de quase nove meses em Évora, ainda acho que as músicas das baladas têm uma batida estranha. É como se elas saíssem dançando pela cozinha com todos os eletrodomésticos ligados.

Neste enunciado o sujeito declara que as músicas eletrônicas tocadas em casa noturna de Portugal são estranhas se comparadas com as que se tocam no Brasil. É nisso que consiste a noção de Duplicação: uma comparação de uma cultura à sua, e a seguir, um julgamento. Bom ou ruim. Certo ou errado (BHABHA, 2003).

O sujeito afirma “é como se elas saíssem dançando pela cozinha com todos os eletrodomésticos ligados”. Eletrodomésticos são objetos de aspecto duro que emitem sons constantes e invariáveis. Imaginar esses elementos dançando também transmite falta de maleabilidade. Em contrapartida, são aparelhos indispensáveis no cotidiano de uma cozinha. Numa analogia dos eletrodomésticos com a cultura portuguesa, no dizer do sujeito autor do enunciado, é possível questionar: a visão presente no enunciado não seria a de que os lusitamos são mais rígidos, menos maleáveis, porém mais práticos que os brasileiros?

Certamente o sujeito nota diferenças culturais vistas de dentro de seus próprios parâmetros e hábitos, e em seu discurso utiliza-se de uma imagem simbólica para discernir comportamentos do outro em detrimento do comportamento de seu local de origem. Eagleton elucidada esse contemplar de fora em que ocorre a duplicação do outro:

Cultura, em resumo, são os outros. Como Fredric Jameson argumentou, cultura é sempre “uma ideia do Outro (mesmo quando a reassumo para mim mesmo) (...) Para uma pessoa, seu próprio modo de vida é simplesmente humano; são os outros que são étnicos, idiossincráticos, culturalmente peculiares. De maneira análoga, seus próprios pontos de vista são razoáveis, ao passo que os dos outros são extremistas. (EAGLETON, 2011, p.43)

Nota-se também que os deslocamentos culturais são atemporais, pois independem do período em que o sujeito permanece no convívio com outra cultura, eles podem ocorrer de forma aleatória a cada fato novo que ocorra e seja percebido. É assim que funcionam os movimentos exotópicos, abordados por Bakhtin. Ao se distanciar de seu lugar (físico, virtual ou simbólico) o sujeito vislumbra novas possibilidades de compreensão de uma determinada realidade. A visão exotópica se constitui, desse modo, como uma relação dialógica, pois ela não é neutra, possui valores, idéias, noções, vozes.

Ao contrário do estereótipo de que música em Portugal se reduz ao Fado, as casas noturnas tocam estilos bem distintos das canções tradicionalistas, o que desemboca em movimentos de renovação musical. Apesar da efervescência de produções mais propensas a fusões estilísticas de sonoridades, ritmos e tons, ainda há casas de Fado que não cedem aos apelos de globalização/modernização.

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente”. (BHABHA, 2003, p.27)

Considerando que no enunciado do *Facebook* é possível identificar o eco de outras vozes, Bakhtin reitera que “(...) cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 2011b, p.291).

Seriam os lusos portadores de regras rígidas e fracos para combatê-las? E seriam os brasileiros divertidos e fortes para as adversidades? Seriam os portugueses mais sensíveis e românticos? Seriam os brasileiros mais incultos e lascivos? Em meio aos clichês e estereótipos, o enunciado do sujeito postado na rede é marcado por discursividades que constituem tanto a relação *Brasil x Portugal* como a produção de sentidos pelo sujeito que está no país do outro; lugar que, agora, temporariamente, passa a ser, também, o seu local de moradia e estudo. A observação dos costumes, modos de ser e agir e das estéticas cotidianas é intrínseca ao sujeito que está fora do seu lugar, em um espaço outro. O distanciamento se dá pela oportunidade de (re)ver o seu país pela ótica da exotopia e o país outro, por essa mesma perspectiva, já que morar e estudar em Portugal não faz de um brasileiro um cidadão português.

Denominamos construção híbrida o enunciado que, (...), pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas linguagens, duas perspectivas semânticas e axiológicas. (BAKHTIN, 2010, p.110)

Observemos o próximo enunciado escolhido para análise:

Post 2 - Dois meses depois de chegar por aqui já não consigo tirar do vocabulário o 'pois', nem tirar da cabeça o 'se calhar', pronunciar 'mêtro', pegar o 'comboio' ou o 'autocarro' na 'paragem'. Sempre tomar um 'galão de máquina' e pensar que ainda há coisas da minha mala que vou começar a tirar e a usar só agora: os 'cobertores'! Perdendo o gerúndio... estou 'a congelar'!

É possível notar duas consciências linguísticas nesse enunciado. As palavras adotadas no vocabulário do sujeito não são de uso comum em seu país de origem, no entanto, há uma assimilação não somente das palavras como também de suas expressões.

A mais marcante é declarada pelo brasileiro: “*perdendo o gerúndio... estou a congelar*”. O gerúndio é a forma verbal utilizada ao expressarmos uma ideia. Seu uso é bastante comum no Brasil. Já, em Portugal, a predileção é pelo uso do verbo no infinitivo.

Novamente observamos que os deslocamentos são atemporais, pois o sujeito afirma que em apenas dois meses já adota a linguagem local. Ou seja, não há uma questão de prazo para que ocorram sinais de deslocamento cultural. Ele simplesmente acontece e é, inegavelmente, pela linguagem, que se configura enquanto marca de heteroglossia e dialogicidade.

O Brasil, como antiga colônia de Portugal, recebeu hábitos e costumes culturais. A principal herança foi a Língua Portuguesa. Entretanto, com as palavras citadas pelo enunciados, nota-se, além de particularidades culturais, particularidades linguísticas entre ex-colônia e ex-colonizador: palavras que são compreendidas mas não utilizadas no cotidiano brasileiro. Isto porque os sentidos não são produzidos apenas no âmbito das palavras, mas no processo (social, político, de gênero, de local) da linguagem:

Bakhtin nos fala da hibridização intencional – sistema de procedimentos composicionais que amalgamam duas linguagens no interior de um enunciado – e da hibridização involuntária, inconsciente através da qual as línguas e as diferentes

formas de falar, e portanto de interpretar o mundo, se misturam. A hibridação inconsciente, histórica e orgânica é um dos modos principais da existência e do devir das linguagens. (AMORIM, 2004, p.136)

Para a interpretação do mundo (de um outro mundo), mesmo distante de seu local de origem, o sujeito “se vira”, no sentido de se esforçar, lutar, se empenhar. Tanto para apreender uma outra cultura como para sobreviver nela, é necessária uma pré-disposição à alteridade, condição constitutiva da identidade. Ser/estar em outro país requer que em pouco tempo o sujeito assimile regras e maneiras de se comportar e falar que possibilitem a ele ser o menos estranho/estrangeiro possível.

Post 3 - As manifestações portuguesas seriam muito mais convidativas se não viessem embrulhadas num lindo e longo texto cheio de pombas e firulas e nenhuma pontualidade que diga ‘o que acontece é isso, isso e isso. Fazemos então tal e tal coisa’. Os problemas portugueses são reais, mas as atitudes são meramente literárias.

O sujeito autor desse enunciado apresenta compreensão dos valores culturais de Portugal, percebendo ações e reações em meio à recente crise decorrente na Europa. Isso só foi possível pois o sujeito fala do outro estando em um lugar que não é o seu. Conforme explicita Bakhtin:

[...] o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente nem a sua própria imagem externa, [...] sua autêntica imagem externa pode ser vista e entendida apenas por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem *outras*.” (BAKHTIN, 2011c, p.366)

No enunciado, o estudante avalia que falta maior objetividade dos portugueses no tocante à resolução de problemas. Do contrário, há um discurso presunçoso que não convence nem aos próprios portugueses, o que resulta em manifestações pouco chamativas à população.

O sujeito ainda reitera, em seu enunciado, que as atitudes portuguesas são *meramente literárias*, expressão que reverbera inúmeros sentidos. Um deles é o de que os colegas lusos possuem uma boa retórica entretanto lhes falta ação, o que lhes permite estagnar no nível intelectual sem determinação.

Bakhtin adverte que não é possível contemplarmos a nós mesmos e/ou termos uma visão acabada sobre nós. Para corroborar com esse pensamento, o autor expressa a noção de excedente de visão, componente essencial para que haja exotopia:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento”. (BAKHTIN, 2011a, p.23)

Também é preciso ressaltar que, na perspectiva dialógica, a compreensão é a chave fundamental no olhar para o outro. É pelas vias da compreensão que a posição sujeito muda à medida que o direito de resposta se configura enquanto ação. Todo enunciado se situa em um tempo e em um espaço sociais, ou seja, o sujeito do dizer é sempre um indivíduo situado em

um tempo e e um espaço próprios e determinados. (HEINIG, 2011). Ou como sugere Eagleton:

Não é cessando de ser eu mesmo que compreendo você, pois nesse caso não haveria ninguém para efetuar essa compreensão. E sua compreensão de mim não é uma questão de reduplicar em você mesmo o que eu estou sentindo, uma suposição que você consegue ultrapassar a barreira ontológica entre nós dois. (EAGLETON, 2011, p.74)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos que tem como escopo de pesquisa as redes sociais são bastante recentes e vêm produzindo, aos poucos, ampliação do conhecimento científico no que se refere à relação da Linguagem com as tecnologias atuais. Assumimos, aqui, o risco de tratar especificamente de análise de enunciados postados no *Facebook*, compartilhando do pensamento de Amorim, para quem “todo enunciado, mesmo o mais simples, é um acontecimento; uma espécie de drama cujos papéis mínimos são o locutor, o objeto e o ouvinte. O objeto é entendido aqui como o assunto de que trata o texto” (AMORIM, 2004, p. 121).

Ao longo desta investigação foi possível compreender que todo encontro cultural implica deslocamentos culturais e relações de alteridade, causando desde estranhamento até empatia, permitindo aos estudantes que provaram a experiência do intercâmbio acolher e até assimilar as diferenças culturais.

Nesse trabalho não aprofundamos a análise nos debruçando sobre os comentários publicados sobre cada enunciado nem as respostas dos outros ao *curtirem* a publicação ou *compartilharem* em suas próprias páginas. Nosso intuito foi olhar para enunciados somente na publicação/*post* principal.

Atravessando esse caminho intercultural, também foi mobilizar o conceito de cultura, observando os sentidos que essa palavra carrega em si. Ou como afirma Bhabha (2003), “a cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica, para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer”. (BHABHA, 2003, p.240)

É para o movimento discursivo-enunciativo de sujeitos estudantes que estão em outro país temporariamente que esse trabalho direciona seus interesses de análise. Essa investigação entende que a produção de sentidos em uma rede social, importante espaço de sociabilidades e trocas interativas, ultrapassa a própria virtualidade, já que os enunciados apontam para doses extremas de real, de conflitos, de encontros e desencontros que provocam atitudes responsivas por parte dos sujeitos que se vêm *deslocados* culturalmente de lugares que lhe são próprios ou familiares. A riqueza desse movimento se anuncia na possibilidade de perceber a diversidade constitutiva das relações humanas e, por consequência, a amplitude conceitual e a abrangência temática do que atualmente denominamos como Estudos da Linguagem e sua relação com o campo da Educação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro*. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV, V.N.) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética [1924]. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2011a.

_____. Os gêneros do discurso [1952]. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2011b.

_____. Os estudos literários hoje [1970]. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2011c.

_____. *Questões de literatura e estética. A teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BRAIT, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, Roseli. *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo; Contexto, 2012.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. *et alli. Diálogos com Bakhtin*. 4ª edição. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

HEINIG, Otilia. Olhares enunciativos: reflexões sobre as pesquisas entre educação e linguagem. In: SILVA, Neide. & RAUSCH, Rita B. *Pesquisa em Educação: pressupostos epistemológicos e dinâmicas de investigação*. Blumenau: EdFURB, 2011.

Recebido em: 08 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 21 de setembro de 2016.